

# Balanço de Sarney revela realizações e desencantos

Helival Rios

Ao despedir-se ontem do governo, durante a sexta e última reunião ministerial realizada no Palácio do Planalto, o presidente José Sarney assumiu o mea culpa (minha culpa) pelo fracasso da política econômica e do combate à inflação. Num pronunciamento emocionado, Sarney não escondeu sua frustração pelo que não pôde fazer nesses últimos cinco anos, mas se considerou um vitorioso pela plena consolidação do regime democrático. Agradeceu aos que se mantiveram ao seu lado até o fim e denunciou traições que sofreu, sem no entanto especificá-las. "Tivemos dias de sonhos, dias de realizações, dias de esperanças, mas tivemos dias de desencantos, de duras, amargas traições, mas também de grandes lealdades", frisou o presidente. "Estou como se saísse íntegro de uma luta de punhais. Em paz comigo mesmo, com a vida e com Deus", disse.

A última reunião ministerial, de duas horas e 45 minutos de duração, depois da fala de Sarney, descambou para discursos monótonos e repetitivos, com 13 ministros procurando demonstrar que fizeram o máximo em suas pastas, à exceção do ministro Saulo Ramos, da Justiça, que preferiu construir uma peça de tributo a Sarney, pelas conquistas democráticas, e do ministro Mailson da Nóbrega, que entou uma rápida ladainha de desculpas por deixar prejuízos de Tesouro Nacional com a sua política de juros elevados e a mais alta inflação de toda a história do País (equivalente a 70.681% ao ano). A reunião de despedida do Ministério foi selada com um churrasco na Granja do Torto.

## Saulo: "Autor da democracia"

Os treze ministros que falaram durante a última reunião ministerial procuraram atenuar o tom de frustração demonstrado por Sarney sobre os rumos tomados pela economia durante o seu governo. O ministro da Justiça, Saulo Ramos, foi o mais enfático de todos, ao chamar o presidente de "autor da democracia". Os demais ministros procuraram traçar um quadro de grandes conquistas e realizações, apontando queda dos índices de analfabetismo, estabilidade nas relações internacionais, revoluções tecnológicas e ampliação de serviços de energia elétrica, de correios e de telefones.

O ministro da Saúde agradeceu ao presidente Sarney o fato de receber na sua pasta, embora somente agora, faltando sete dias para terminar o governo, o Inamps, transferência que foi feita ontem mesmo, por decreto do Presidente. Inspirado nesse exemplo, o ministro da Previdência, Jáder Barbalho, pediu ao Presidente que baixasse, antes de terminar o governo, uma medida provisória instituindo o Plano de Custeio e Benefícios da Previdência.

O ministro Saulo Ramos, além dos elogios ao presidente Sarney pela consolidação da democracia no País, teceu severas coixas contra a imprensa. Disse que as escolas de Comunicação, durante anos, prepararam seus profissionais para resistir à ditadura. Mas como não mais encontraram ditadura no atual governo, preferiram massacrar o Palácio do Planalto, para não perder o condicionamento escolar. No governo Sarney, segundo Saulo Ramos, a imprensa fez o que quis — "criticou, caluniou, mentiu, disse verdades, sugeriu, enlameou honras, denunciou crimes, colaborou, engajou-se politicamente, mas permanentemente livre".



Saulo Ramos fez para Sarney e seus ministros o elogio da democratização plena do País

Apesar do malogro do combate à inflação, Sarney disse que enfrentou tudo com coragem e vontade de acertar. Mas destacou a obra política que deixou acabada para a posteridade.

### Obra política

"O balanço desses cinco anos nos permite afirmar que participamos todos de uma obra política notável. Ela é a base da democracia moderna brasileira, é a mudança da sociedade que se tornou livre, de iguais oportunidades pa-

ra todos e de exercício integral dos direitos da soberania".

Sarney disse que nunca se conseguiu no Brasil tanta liberdade e que, a despeito da inflação, o País cresceu o seu produto em 25%, reduziu o desemprego e o nível da dívida externa, de 123 bilhões para 99 bilhões de dólares.

"Humilde, humano, sereno, sem ressentimentos, sem medo, sem rancores, com amor e gratidão volto à minha casa. De cabe-

ça erguida, para viver o resto dos meus anos como soldado da liberdade e desejando sinceramente ao meu sucessor êxito, e que ele possa governar sem os obstáculos e as dificuldades que eu enfrentei.

De minha parte, mais uma vez, repito o verso de Torga, no poema de Afonso de Albuquerque, que foi conquistador das longes terras do Oriente: **do que fiz e que não fiz não cuido agora. O futuro falará por mim**", arrematou o presidente Sarney.

## Bilhetes e conversas na reunião

Se, durante a primeira hora da reunião, enquanto falava o Presidente, os 24 participantes — 23 ministros e o consultor-geral da República, Clóvis Ferro Costa — se mantiveram quietos, foi Sarney quem inaugurou o "bilheteço" que circulou durante o segundo tempo do encontro, na sala de despachos do Palácio do Planalto. Depois de falar e enquanto o ministro Saulo Ramos discursava, o Presidente mandou o primeiro bilhete ao general Bayma Denys. Além dele, Sarney se comunicou com Saulo, Mailson, Ivan e Ponte, durante as duas horas e meia da reunião.

A Mailson, ele enviou um agradecimento: "Grato por suas palavras. Você revelou-se o guerreiro núnida que existia no monge budista. Valeu a pena". Isto aconteceu logo depois da prelação do ministro da Fazenda, brindado com o olhar de júbilo do Presidente. Preocupado com uma possível dúvida de Mailson, esclareceu em outro comunicado: "Núnida, natural da Numídia, hoje Argélia. Excelentes cavaleiros. Aliados de Cartago. Os mais aguerridos no exército cartaginês, Aníbal os escolhia, para as missões mais perigosas".

Quase todos os ministros trocaram recados escritos, que em seguida enfiavam nos bolsos. O ministro do Exército foi avisado pela ajudância de ordens, através de um cartãozinho, que seu irmão, Eduardo Pires Gonçalves, tivera seu nome aprovado para o Superior Tribunal Militar na Comissão de Justiça e Cidadania do Senado (por 9 votos a três).

No momento em que o ministro da Aeronáutica, Moreira Lima, vangloriava-se do fato de que a Força Aérea francesa havia adotado o avião Tucano como aparelho de treinamento, Leônidas passou uma comunicação a Sarney. Informava que "embora

a excelência técnica do avião tenha tido influência" sobre esta vitória da Aeronáutica, a adoção do Tucano fazia parte da cláusula de compensação, no contrato de compra dos helicópteros franceses do Exército.

José Aparecido distribuía convites para a solenidade de reabertura da Catedral Metropolitana, segunda-feira próxima. O ministro da Marinha desenhava triângulos, o do Exército, círculos, e o do EMFA, casas de abelha. João Batista de Abreu escreveu apenas dois números enigmáticos: 160 — 340. E Mailson, quatro letras, uma embaixo da outra: ABCD.

Os ministros da Indústria e Comércio e do Interior conseguiram conversar, além de fazer um

intercâmbio intenso de papéis. O que Seigo Tsuzuki e Dorothea Werneck dividiram, entretanto, foi um pacote de chicletes. Enquanto a ministra do trabalho se manteve o tempo todo impávida com seus escarpins de saltos 12, seu colega da Saúde não se envergonhou de tirar os sapatos sob a mesa, durante os minutos finais de reunião.

O Presidente também pediu confirmação à sua assessoria sobre o Dia Internacional da Mulher. Diante do aceno positivo, encerrou a reunião homenageando a ministra do Trabalho e concedendo-lhe a palavra final. Sarney enviou tantas mensagens durante a segunda parte do encontro ministerial que restou apenas uma folha em seu bloco.

